

O gênero carta - variedade, uso e estrutura

Ana Christina Souto Maior*
Universidade Federal da Paraíba - Campus II

Resumo:

O interesse em estudar as diversas formas textuais de comunicação social despertou-nos para a realização de um trabalho de pesquisa no âmbito do texto. Estudamos a carta, uma das formas mais antigas de comunicação escrita, que se diversificou, acompanhando a “complexificação” sócio-cultural da sociedade. Consideramos este gênero textual histórica e socialmente situado, como uma forma lingüisticamente realizada (Marcuschi, 2000:13) e percebemos que ele está presente nas diversas práticas sociais, pessoais ou comerciais, servindo como meio usual e prático para a comunicação e documentação das variadas relações pessoais e comerciais, modificando-se e adaptando-se aos meios pelos quais é transmitida.

Considerando a variedade de cartas circulando na sociedade brasileira, com organizações macroestruturais diferenciadas, apresentando características específicas, de acordo com os diversos contextos em que são usadas – o que comprova sua importância na comunicação interpessoal – foi-nos despertado o interesse para a realização de uma pesquisa restrita a este gênero textual: carta.

Nosso objetivo é descrevê-la em sua variedade, estrutura e uso. Para isso, recolhemos 200 cartas escritas entre os anos de 1993 a 2001 por/para instituições¹. Dessas cartas, 11 são enviadas por uma instituição religiosa; 38 por bancos; 20 por instituições educacionais; 1 por instituição médica; 5 por instituição jurídica; 50 por editoras; 45 por empresas comerciais; e 30 enviadas a instituições, por pessoas físicas.

Para nossa análise, consideramos, além da teoria relativa a gênero textual, livros didáticos do Ensino Fundamental (que estudam carta), livros de técnicas de redação, livro de informática (com instruções de como usar o Microsoft Word) e dicionários de língua (verbete “carta”). Além disso, aplicamos um questionário a alunos universitários, com o intuito de verificarmos o uso da carta entre esses alunos.

O conjunto das cartas pôde ser classificado como mostra o quadro 1 abaixo, levando-se em conta o domínio discursivo de que fazem parte e sua denominação.

Quadro 1 – Domínio discursivo e a denominação de cartas a ele relacionadas

<i>Domínio discursivo</i>	<i>Denominação</i>
Comercial (Bancos, lojas comerciais)	Carta: resposta, de comunicado

* Realizado na disciplina Redação Científica, no período de 2000.2, UFPB – Campus II, com a orientação da Prof^a Dr^a Maria Auxiliadora Bezerra.

¹ Não analisamos cartas pessoais, pelo fato de não termos conseguido coletar material suficiente, pois seus destinatários nem sempre concordavam em divulgá-las.

Instrucional (Universidades, escolas, livros)	Carta: programa, circular, resposta, de apresentação
Jornalístico (Jornais, revistas, periódicos)	Carta: do leitor, do editor, aos leitores, aberta, propaganda, boas-vindas
Jurídico (Fórum)	Carta: de intimação
Publicitário (Editoras, lista telefônica)	Carta: convite, resposta, confirmação, de agradecimento, pedido
Religioso (Igrejas)	Carta: convite, de comunicado
Saúde (Clínicas)	Carta: programa, de comunicado

Para analisar as cartas em sua variedade, estrutura e uso, seguimos três critérios de natureza diversa: 1) contextual, que corresponde a interlocutores e suas relações, situação de produção, condições de produção e outros; 2) lingüística, que remete a traços lingüísticos e textuais; e 3) funcional, que considera objetivos do texto, intenções pretendidas, atos de fala, dentre outros.

O gênero carta

Muitas definições já foram dadas para "texto" por estudiosos da língua, considerando ora aspectos lingüísticos, ora aspectos pragmáticos. Diante da variedade de conceitos, consideramos texto como um complexo de elementos empíricos lingüísticos e extralingüísticos que se presta a uma função comunicativa, baseando-nos na concepção de Costa Val (1994:03), para quem texto é uma *ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal*. Além desta concepção, devemos ter consciência de que os textos são a memória do homem historicamente situado² (Furlan, 1989:131).

Desta forma, compreendemos que o texto, visto como expressão da coletividade, pois um indivíduo o constrói para marcar um posicionamento ou expressar um pensamento em relação a um debate (de escala mais ampla) travado na sociedade, tem seus significados dependentes tanto da correlação entre as suas partes quanto do contexto dentro do qual está inserido. O texto surge não como uma simples manifestação individual, mas sempre com alguma intenção para demonstrar uma posição a um determinado assunto (Fiorin & Savioli, 1990:12-13). Por isso, classificamos a carta como um texto que envolve um contexto comunicativo, sendo um *fenômeno empírico global e um fato social consolidado nas práticas discursivas diárias* (Marcuschi, 2000:64).

A definição de texto contribui para sua classificação na medida em que possibilita a determinação de critérios adequados para a comparação/diferenciação deste. Para tanto, fazemos uso das classificações para ajudar a diferenciar os textos entre

² De acordo com esta definição, percebemos que o objeto de estudo do nosso trabalho, as cartas, são textos, pois demonstram a experiência dos homens no mundo, constituindo "herança que possibilita dar continuidade à obra humana na História" (Furlan, 1989:131), tais como as cartas bíblicas (conhecidas como epístolas) que nos contam as histórias de diversos povos que viviam às margens do Mediterrâneo, na Ásia e na África. Além dessas, há as cartas testamento (Carta testamento de Getúlio Vargas) e as cartas que relatam os descobrimentos de novas terras (Carta do descobrimento do Brasil), e tantas outras que nos possibilitam compreender melhor determinadas épocas.

si, classificando-os em oral/escrito, informal/formal, dentre outros, tornando-se necessário definirmos quais os objetivos desejados com a classificação. Com os objetivos estipulados, é importante adotarmos critérios – existentes em grande variedade, dependendo de cada cultura – norteadores para a classificação dos textos. Os primeiros critérios devem levar em consideração as características ou traços distintivos e depois outros aspectos lingüísticos.

De acordo com Marcuschi (2000:11), o agrupamento dos gêneros textuais ocorre baseado em critérios que os classificam e os constituem, simultaneamente.

Metodologicamente, podemos partir do conhecimento comum no uso da língua e agrupar os fenômenos identificados com um ou outro rótulo. Em seguida, podemos dissecar esses fenômenos e passar a ver as características ou os traços que os tornam iguais ou distintos. Notaremos, sem dúvida, que os textos agrupados sob uma designação terão certos traços comuns marcantes e até formulaicos (seguem esquemas e modelos) sob o ponto de vista de rotinas lingüísticas desenvolvidas. Este caráter formulaico dá a primeira porta de entrada para uma relação de materiais lingüísticos para a análise. (p.11)

Para exemplificar, Marcuschi (2000:11) utiliza o gênero carta, descrevendo os elementos básicos utilizados para identificar minimamente este gênero: local e data; saudação; texto; e assinatura. No entanto, reconhece a existência de vários formatos de carta e afirma que a noção da forma textual deste gênero serve, apenas, como um *guia para a realização de um grande número de outros gêneros que se situam numa constelação* (p.11). Segundo este mesmo autor (2000:8), a classificação contribui para a constituição dos gêneros, devido à escolha de adoção de critérios para o agrupamento destes, podendo variar de cultura para cultura, sendo dificilmente definitiva e exaustiva, principalmente em relação aos gêneros textuais, pois estes por serem *objetos históricos, variam, desaparecem, reaparecem sob novas formas, e aparecem outros novos*.

No caso da carta, encontramos textos com características individuais, classificados com nomes específicos (carta do leitor, carta resposta e outras) tornando necessário diferenciarmos estes textos, nos referindo tanto à função de textos de uso (característica que parece distinguir subgêneros), como à estrutura e ao tipo de informações que solicita (Marcuschi, 2000:17).

Desta forma, estudamos, inicialmente, os gêneros de acordo com a teoria textual, observando elementos estruturais e até pragmáticos aceitando, a definição apresentada por Marcuschi (2000:13); *a forma lingüisticamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos; textos histórica e socialmente situados*. Segundo este mesmo autor (2000:68), *os gêneros textuais não são frutos de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas, são de natureza sócio-comunicativa, ou seja, são acúmulos, refletidos na língua, dos desenvolvimentos históricos e de práticas sócio-discursivas* (p.4). Assim, percebemos que os gêneros textuais são concretos e denominam-se por sua realidade empírica (onde encontrá-los, como são determinados e quais as suas feições mais comuns), pois, como afirma Adamzik (1995:28 apud Marcuschi 2000:16), os gêneros *lembram rotinas comunicativas*. Portanto, para uma classificação devemos observar a natureza tanto do evento

comunicativo quanto de sua finalidade ou funcionalidade.

Ao estudarmos, neste trabalho, a carta, estamos comungando com a mesma idéia apresentada por Marcuschi (2000:14), quando afirma que *as distinções* (dos gêneros) *não seriam predominantemente lingüísticas e sim funcionais e pragmáticas*. O que corrobora a concepção de Biber (1988:170 apud Marcuschi, 2000:67) de que os gêneros são geralmente determinados com base nos objetivos dos falantes e na natureza do tópico tratado, sendo assim, uma questão de uso e não de forma. No entanto, não podemos desconsiderar o que Canvat (1996:28) afirma: a escrita de um gênero de texto comporta os seguintes aspectos: 1) textuais (*mobilização dos conhecimentos relativos ao tipo e à sua organização superestrutural e seqüencial específica*); 2) semióticos (*mobilização dos conhecimentos relativos ao universo da ficção*); 3) pragmáticos (*mobilização dos conhecimentos relativos à situação de comunicação*); e 4) lingüísticos (*mobilização dos conhecimentos relativos à coerência e à coesão*).

Segundo Marcuschi (2000:65), além de toda classificação mudar de cultura para cultura, não sendo universal, vivencia uma grande variação nos fenômenos a classificar. Sendo assim, a classificação tende a ser um pouco etnocentrista, parcial e provisória, pois construímos os fenômenos na medida em que elaboramos os critérios de seu agrupamento. *Tudo depende dos objetivos que se tem em vista e como se procede na classificação pretendida.* (Marcuschi, 2000:4). No entanto, não devemos adotar apenas um critério para a classificação das cartas pelo fato de ser este um gênero com uma grande variedade de conteúdos, funções sócio-comunicativas e estruturas macrotextuais.

Desta forma, há dificuldade para classificarmos os gêneros, pois estes ao serem histórica e socialmente situados mudam as suas formas, surgem outros novos, desaparecem, acompanhando a "complexificação" da sociedade. A carta é um gênero que está situado em contextos comunicativos bem definidos, mas diversificados, o que possibilita uma enorme variedade na sua forma estrutural. No entanto, as formas textuais dos gêneros possuem marcas lingüísticas mais ou menos estereotipadas, identificáveis desde o início do texto. No caso da carta seria a saudação (Prezado cliente; Querido amigo; Excelentíssimo Sr. Presidente da República, dentre outras), como podemos perceber no exemplo 1 a seguir. Estas marcas lingüísticas, segundo Marcuschi (2000:67), são fórmulas históricas que surgiram ao longo do tempo e das práticas sociais e têm suas características específicas, por isso, são modelos comunicativos.

Exemplo 1

CÂMARA DOS DEPUTADOS
ARMANDO ABÍLIO
DEPUTADO FEDERAL

Brasília, junho de 2000

Prezado (a) Senhor (a),

Ao final de cada ano temos a obrigação de fazer uma prestação de contas dos trabalhos parlamentares que realizamos em defesa de Campina Grande.

Junto a alguns companheiros, durante o ano, conseguimos a liberação de recursos para as seguintes ações governamentais:

- 1- *Recuperação de casas populares;*
- 2- *Esgotamento Sanitário e Saneamento Básico;*
- 3- *Colocar o município de Campina Grande dentro do Programa "Agente Jovem";*
- 4- *Construção do Canal de Bodocongó – esta obra que é tida como um dos maiores projetos já construído nesta cidade;*
- 5- *Renegociação dos débitos rurais; e a*
- 6- *Vinculação dos recursos para a saúde pública;*
- 7- *Em favor da permanência do 31º Grupamento de Infantaria;*
- 8- *Municipalização da Saúde.*

Certo do dever cumprido
ARMANDO ABÍLIO
 DEPUTADO FEDERAL

Como diz Marcuschi (2000:96), *os tipos, gêneros e formas textuais não são, portanto, fenômenos inerentes à língua, são conseqüências do uso interativo da língua, ou melhor dito, são práticas sociais.* Por isso, devemos considerar tanto os aspectos eminentemente lingüísticos quanto os aspectos empíricos do uso, pois acreditamos que os gêneros são históricos, têm origem em práticas sociais, sendo sócio-comunicativos. Além de estabilizarem determinadas rotinas de realização de comunicação, têm sua definição feita tanto por aspectos formais quanto por aspectos funcionais os quais possibilitam maleabilidade ao gênero (Marcuschi, 2000:104).

Variedade e uso da carta

A carta se apresenta, empiricamente, de diversas formas (carta resposta, carta programa, carta do editor, dentre outras) e, por isso, acreditamos que seria a teoria da *constelação* que melhor classificaria esta diversidade.

A teoria da constelação de Steger (1974), segundo Marcuschi (2000:96), designa uma *relação de eventos*³ com nomes específicos que agrupam mais de uma forma desses eventos: *constelação é, pois, uma designação que ainda não singulariza nem identifica indivíduos, mas classes. Mas também podemos ter designações de eventos que podem ser tomadas, em muitos casos, como gêneros.*

Ao tentar esclarecer a teoria da constelação, Marcuschi (2000:96) expõe o

³ Estamos considerando evento na perspectiva de Erickson (1981:144) e de Hymes (1974, apud Bortoni, 1995:124-126) como sendo as unidades com início, desenvolvimento e fim, governados por regras ou normas, que apresenta uma interação a qual remete a uma circunstância presente no contexto imediato. Desta forma, o evento está ligado tanto ao aspecto social (participantes da comunicação e contexto) quanto ao temporal, e designa o momento de interação que possui regras especiais, são estruturas de participação que *englobam maneiras de falar, de ouvir, de obter o turno e mantê-lo, de conduzir e ser conduzido.*

gênero entrevista como exemplo, mostrando que mesmo possuindo uma grande quantidade de formas de realização (entrevista médica – *consulta* – entrevista policial – *inquérito* – entrevista para obter um emprego – *entrevista* – entrevista judicial – *depoimento* – entrevista para coleta de dados – *levantamento* – entrevista coletiva – *coletiva* etc.), todas apresentam uma estrutura mínima (ou super-estrutura) que as unifica, mas são diversificadas em suas formas de realização, em suas intenções. Associando essa informação ao gênero carta, vemos que a sua diversidade apresenta uma estrutura comum.

De acordo com Marcuschi (2000:97), o agrupamento de determinadas expressões, como a entrevista, *não reflete um tipo, mas uma constelação de eventos dos quais podemos chegar aos gêneros textuais*. Para tanto, devemos adotar critérios ligados aos falantes ou produtores dos textos (intenção, objetivo, situação, etc.) e às condições de produção e processos de enunciação para uma sistematização das dimensões descritivas dos gêneros, como nos mostra a variedade de cartas e situações de escrita apresentadas no quadro 2 (ver anexo).

Steger, com a teoria da constelação, observa que os eventos têm *estruturas gerais, mas estilos diversos e com isto manifesta formas diferenciadas na relação de poder e nas perspectivas de interpretação dos atos praticados* (Marcuschi, 2000:92), pois são fenômenos muito diversos quanto à organização dos papéis dos participantes.

As cartas coletadas para esta pesquisa demonstraram variadas formas de realização comunicativa (ver quadro 2 em anexo) e devido à abrangência de conteúdos e de funções sócio-comunicativas deste gênero, observamos o verbete *carta* nos dicionários Aurélio (Ferreira, 1999:417-418) e Michaelis (1998:443), com o intuito de comprovar a existência da diversidade de cartas observadas, e constatamos 32 variedades de cartas. Apesar do referido verbete compreender uma grande possibilidade de definições e variedades deste gênero, observamos que as cartas de que dispomos não estavam contempladas nesta lista. Isso mostra: 1) que o dicionário está desatualizado e não acompanha a evolução do gênero carta; e 2) que este gênero é profícuo.

Essas variedades de cartas institucionais demonstram a importância deste gênero nas diversas práticas sociais. Fica evidente a constelação do gênero carta, adaptável aos mais variados eventos comunicativos: 1) publicação jornalística; 2) férias coletivas; 3) intimação; 4) encontros acadêmicos; 5) cadastro; 6) abertura de contas bancárias; 7) renovação de assinatura; 8) venda de produtos; 9) eleição; 10) matrícula; dentre outros.

Em relação à macroestrutura deste gênero não houve mudanças tão patentes, mas o conteúdo desta diversificou-se bastante com a evolução dos meios de comunicação pelos quais é enviada. E há quem diga que a carta é um gênero em desuso, se comparada ao telefonema e ao e-mail. No entanto, percebemos que a carta está cada vez mais presente nas práticas sociais, agora não mais, exclusivamente, como um meio de comunicação, mas como documentação e propaganda. Como por exemplo a carta de intimação (um documento judiciário de comprovação da intimação de determinada pessoa); e a carta de um leitor (utilizada em uma propaganda da revista mencionada no corpo da carta com o intuito de promover o produto

divulgado), respectivamente, a seguir:

Exemplo 2

ESTADO DA PARAÍBA
PODER JUDICIÁRIO
COMARCA DA CAPITAL
2ª VARA CÍVEL

CARTA DE INTIMAÇÃO, ATRAVÉS DE AR (MÃO PRÓPRIA)
João Pessoa – PB, 24/01/2000

Ao
Ilmo. Sr.
Mariano José Pereira
Com endereço na Rua Josélia Rodrigues, 60
Bairro da Prata
Campina Grande – PB

Tem a presente, a finalidade de INTIMAR, V. S^a, por todo conteúdo do despacho proferido na Ação Ordinária de Cobrança, Processo n° 000000000, ajuizada por MARIA JOSÉ MAIA contra o ESPÓLIO DE CLARA SOUZA E OUTROS, deles às fls. 39, do seguinte teor: “Vistos, etc. Nos termos do art. 331 do CPC, designo Audiência de Conciliação, para o dia 15/02/2000, às 14:00 horas, intimando-se as partes e seus advogados, ou apenas estes, desde que tenham poderes especiais para transigir. Cumpra-se. JPA, 26/11/99 – Luiz Gonzaga Brandão – Juiz de Direito”.

*Atenciosamente,
Luiz Gonzaga Brandão
Juiz de Direito*

Exemplo 3

*From: Marcelo Ribeiro
Sent: 20 de fevereiro de 2000 19:15
To: vocesa@abril.com.br
Subject:*

*Prezados amigos,
a VOCÊ S.A. é uma SENHORA revista. Parece ler os pensamentos da gente. Quando estava pensando em criar algum serviço na internet, a VOCÊ publica a história das grandes sacadas e seus jovens autores. Quando estava atrás de publicações sobre como montar um business plan, voilá (perdoe-me se está errado, porém entenda-se voalá), eis que surge uma edição com uma matéria só sobre o referido assunto. Para dar o empurrão de ânimo final, traça um perfil dos maiores executivos brasileiros e suas práticas. Não que eu seja contra mudanças, mas não posso deixar de usar o clichê SE MUDAR ESTRAGA. Éta revista porreta.*

Marcelo Ribeiro

(Carta recebida pela Revista Você S.A.)

Esta maneira de fazer propaganda é recente e tem como finalidade mostrar a validade do produto de forma mais pessoal e “fiel” possível, pois a carta transmite uma idéia de veracidade pelo fato de o texto não ser uma criação de uma empresa de publicidade, mas uma opinião sincera de um cliente. A publicidade é feita em revistas de porte nacional com o destaque das partes do corpo da carta que mais interessam à empresa que comercializa o produto. Sendo assim, a carta, que tem a função sócio-comunicativa de promover o marketing de um produto, passa a ser classificada como carta propaganda.

Ferreira (1999:417) defende que a carta é toda *comunicação manuscrita ou impressa devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas; missiva, epístola*. O Dicionário Michaelis (1998:443) a define como sendo um *escrito, fechado em envelope, que se dirige a alguém; ou é a designação de diversos títulos ou documentos oficiais*; para ele, historicamente, a carta *é um documento através do qual um governo toma decisões importantes no terreno político ou social*. Como se pode notar, na perspectiva dos dicionários, o gênero carta é compreendido como sendo apenas um escrito que é enviado a alguém por meio de um envelope e que pode ter valor de documento quando for emitida pelo governo. Esta definição se torna vaga ao observarmos as cartas que circulam na sociedade, pois encontramos cartas escritas em revistas que não vêm em envelopes, não são documentos governamentais, são propagandas destinadas a qualquer leitor que venha a ler este texto, como por exemplo as cartas retiradas da revista semanal, de porte nacional, Veja (ver exemplo 3).

Nos livros de redação técnica, encontramos modelos de cartas, principalmente institucionais, em capítulos destinados a correspondências comerciais e oficiais. Os manuais de redação comercial, consultados para este artigo, denominam como sendo carta comercial toda espécie de correspondência trocada entre duas empresas ou uma empresa e uma pessoa (ou vice-versa) que trata de assuntos comerciais e/ou financeiros formalizando acordos, por isso as cartas institucionais são consideradas documentos (termo considerado, aqui, como sendo um escrito utilizável como prova da existência de algo) e, atualmente, são mais recorrentes apresentando uma grande variedade, como: carta de editor, carta do leitor, carta-resposta, carta-programa, carta de intimação, carta-propaganda etc.

Estrutura da carta

A carta, mesmo sendo flexível e apresentando variação na forma e nos meios de divulgação (carta do leitor – revista; carta programa – panfleto; carta aberta – jornal etc.), possui traços estáveis em sua composição, constituindo uma estrutura definida por sua função.

Segundo Silva (1988:76), a estrutura fixa da carta é composta por três partes: a seção de contato, o núcleo da carta e a seção de despedida. Esses elementos, básicos, organizam a seqüência e contribuem para a unidade interna do texto. Nestas partes, encontramos marcas estruturais como lugar, tempo, destinatário, remetente, saudação, despedida entre outros, que possibilitam, devido à diversidade existente em circulação na sociedade, uma variedade de cartas com nomes classificatórios diferentes, como os exemplos abaixo, em que na *carta do leitor* (exemplo 4) o autor mostra a sua opinião sobre determinada entrevista lida; e na *carta propaganda* (exemplo 5), criada na intenção de divulgar o e-mail como o meio mais rápido e simples para comunicação.

Exemplo 4

*Sou índio da nação xerente e tenho orgulho disso.
 Não acreditei quando vi no mapa das páginas 14 e 15 da revista de abril ("A saga dos velhos brasileiros") um time de futebol formado por índios xerente do Tocantins, onde fica a querida aldeia onde morei e onde ainda vivem meu irmão e minha irmã.*

Aqui vai meu endereço caso algum leitor da revista queira me escrever.

*Manoel Moreno Watothery de Carvalho
 Caixa Postal 10874
 CEP 70300-980
 Brasília, DF*

(Revista Veja, 26 de julho de 2000, p. 94)

Exemplo 5

Prezado Príncipe Charles:

Você não me conhece, meu nome é Luís.

Sabe o que é, eu estou indo pra Inglaterra amanhã. É uma excursão, vou conhecer esses castelos aí...

Só que eu preciso fazer as malas e não sei se em Londres tá fazendo frio ou calor. Aí eu pensei: por que eu não escrevo um e-mail e pergunto?

Por isso, seu príncipe, será que o Senhor poderia dar uma olhadinha pela janela e me dizer como é que tá o tempo?

*Atenciosamente,
 Luís*

(Revista Veja, 03 de novembro de 1999, p.154 – 155)

As cartas, vistas nos exemplos 4 e 5, possuem estruturas diferentes tanto na saudação (o exemplo 4, não a possui), assim como na despedida, em que no exemplo 4 o índio termina o texto com seu endereço na perspectiva de troca de cartas (característica não determinada como traço estável na composição da carta), enquanto que no exemplo 5, Luís termina seu texto com uma forma dita como fixa e característica da *seção de despedida* do gênero carta.

Esta diversidade é um reflexo das variedades de lugar, tempo, contexto, remetente-destinatário em suas relações recíprocas e das finalidades do texto, sejam elas de comunicação pessoal (carta pessoal) ou comunitária (carta institucional). Mas, como já foi dito, *são as dimensões partilhadas pelos textos pertencentes ao gênero que lhe conferem uma estabilidade de fato, o que não exclui evoluções, por vezes importantes.* (Schneuwly & Dolz, 1997:4).

A carta, por ter uma estrutura institucionalmente aceita, tem um modelo macroestrutural fixo para a sua definição, presente tanto em livros didáticos como em livros de técnicas de redação. Cada um destes, com finalidades distintas, estes o de apresentar o modelo de preparação específica e detalhada das mais variadas cartas

para a práxis cotidiana, enquanto que aqueles mostram ao aluno a estrutura geral, de forma superficial, apenas para o conhecimento do que seja uma carta. Em outras palavras, esses livros estabelecem as mais variadas formas concretas de realização de cartas, e em muitos casos também o conteúdo, que servem de referência “cristalizada” para que sejam aplicados na sociedade, onde encontramos cartas pessoais e institucionais. Estes conteúdos podem ser tanto narrativo quanto argumentativo, expositivo, descritivo e/ou injuntivo.

Segundo Schneuwly & Dolz (1994:2), os gêneros possuem características contraditórias quando são abordados nas práticas escolares: apresentam invariantes destinadas a regular as produções dos alunos; e oferecem estruturas não rígidas, mas variadas, que possibilitam *a invenção de soluções pessoais diante de situações de ação de linguagem particulares*, no caso da carta, essas estruturas não rígidas estão no seu corpo e despedida.

Desta forma, o gênero, mesmo tendo uma forte convencionalização de sua realização concreta, oferece uma grande margem de variação desde o nível temático até o da planificação (Machado, 1998:104). Nas cartas, há o entrecruzamento das características gerais do gênero com os valores atribuídos pelo remetente à situação de ação de linguagem específica e única que o produtor do texto vive, surgindo o estilo como efeito da individualidade do escritor. No entanto, as características básicas do gênero não são descartadas, mas adaptadas à forma de escrever do autor, não podendo ser considerada variedade do gênero.

Atualmente, este gênero é mais recorrente nas práticas públicas comerciais e políticas, apresentando uma estrutura institucionalmente aceita com modelo fixo para a sua definição: local e data, saudação, destinatário, texto da carta, despedida e remetente, desempenhando o papel de servir como meio usual e prático para a comunicação e documentação nas suas mais variadas relações pessoais e comerciais.

Os livros didáticos do Ensino Fundamental abordam a estrutura de cartas, restringindo-se às pessoais como se essas fossem a única variedade de carta em circulação na sociedade. Segundo estes livros, a carta deve ser escrita da seguinte maneira: local e data; identificação e endereço do destinatário; saudação; conteúdo da carta; despedida e assinatura do remetente, como podemos observar no exemplo a seguir. Os programas existentes nos computadores⁴, também apresentam seus modelos de cartas, com a mesma estrutura definida pelos livros, impossibilitando a liberdade criativa dos autores das cartas na estrutura dessa.

Exemplo 6

Uma carta para Gustavo

O que você achou dos sentimentos do jovem Gustavo, registrados em seu diário? Escreva uma carta para ele contando suas idéias sobre ser jovem e sentir-se sozinho, sobre as dificuldades de relacionamento com outras pessoas, sobre a vontade de comportar-se com mais segurança, etc.

Não se esqueça de que uma carta deve conter a indicação de um local e de uma data, uma saudação, uma conversa inicial que estabeleça o contato entre o remetente o destinatário, o assunto principal, a finalização, a despedida e a assinatura.

(A palavra é português, 8^a, p.20)

⁴ Devido ao espaço determinado para este artigo (até 10 páginas), torna-se inviável a exposição do exemplo do modelo de uma *carta contemporânea* apresentado pelo Microsoft Word.

Conclusão

Considerando a carta um produto cultural, social e histórico, existente nas práticas sociais, nota-se uma grande variedade quanto à forma de realização de acordo com o uso e a função que desta são feitos, função primeira de comunicar algo a alguém, conservando os elementos estruturais – remetente/destinatário – comum a outras cartas, que recebem diversos substantivos agrupados ao nome carta (que as fazem ser nomeadas diferentemente) os quais designam a finalidade do texto escrito. Por isso, acreditamos que a carta, independente do meio por que é enviada (correio, fax ou e-mail), faz parte de uma *constelação* que agrupa diversos textos.

Devido à grande variedade de cartas recolhidas, chegamos à proposta de que a carta se constitui um gênero com subgêneros. Essa classificação está motivada em aspectos estruturais e interacionais desses textos que não apresentam os mesmos elementos. A carta possui uma grande variedade de formas, algumas apresentando questionários, dados, logotipo, umas longas outras curtas, cada uma, dependendo da finalidade, do remetente e do destinatário, é nomeada diferentemente. A sua nomenclatura decorre do assunto e/ou do remetente/destinatário. Este gênero mesmo não seguindo uma estrutura fixa para as suas variedades, conserva traços em comum.

A carta, por ser um gênero que admite variedades, apresenta-se por diversos nomes: carta aberta; carta do leitor; carta de apresentação; carta de amor; carta programa; carta de cobrança; carta bancária; carta do editor; carta resposta; dentre muitas outras. Por isso, é necessário categorizá-las observando semelhanças e diferenças existentes entre elas, facilitando suas produções e interpretações.

Desta forma, a carta, gênero textual que evolui, adapta-se às novas exigências tecnológicas (já há sua estrutura-modelo presente em programas de computadores) e, ao mesmo tempo, nos conta histórias (cartas bíblicas e cartas de épocas coloniais). Assim, nunca desaparecerá, mas se modificará sempre que necessário, servindo aos mais diversos fins.

Em síntese, os estudos revelam que a carta é um gênero pouco estudado que merece uma pesquisa mais intensificada, não só pela sua importância atual de documentação no âmbito institucional, mas pela sua peculiaridade de nos possibilitar conhecimentos de tempos passados (cartas bíblicas, cartas históricas, cartas literárias trocadas entre autores), como, também, pela sua nova característica de propaganda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Helena Nagamine (coord.) (2000). Texto, gêneros do discurso e ensino
 In: *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. V.5. São Paulo, Cortez. Coleção aprender e ensinar com textos. Coordenação geral: Lígia Chiappini.
- CANVAT, Karl (1996). Types de textes et genres textuels: problématique et enjeux.
Enjeux, 37/38: 5-29.
- COSTA VAL, M. da G.(1994). *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- ERICKSON, Frederick e SHULTZ, Jeffrey (1998). "O quando" de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez (orgs.). *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre, AGE, pp.142-153.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão (1990). Considerações sobre a noção de texto. In: *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo, Ática, pp.11-15.
- FURLAN, Vera Irmã (1989). O estudo de textos teóricos. In: Maria Cecília M. de Carvalho (org.). *Construindo o saber: técnica de metodologia científica*. Campinas, Papirus, p.131.
- LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de (1999). Cartas comerciais em língua inglesa: uma abordagem lexical. *Intercâmbio – Uma publicação de Pesquisas em Linguística Aplicada*. VIII: 377-384.
- MACÊDO, Célia M. Macedo de (1999). *A reclamação e o pedido de desculpas: uma análise semântico-pragmática de cartas no contexto empresarial*. Tese de Doutorado. PUC/SP.
- MACHADO, Anna Rachel (1998). Gêneros de textos, heterogeneidade textual e questões didáticas. *Boletim ABRALIN: Associação Brasileira de Linguística*. 23: 94-108.
- MARCUSCHI, L. A (2000). *Gêneros Textuais: o que são e como se classificam?* Recife, UFPE. Janeiro (inédito).
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa (1998). São Paulo, Companhia Melhoramentos, p.443.
- MOSTAFA, Joshua (2000). *Como fazer cartas e malas diretas*. São Paulo, Publifolha.
- SCHNEUWLY, Bernard (1994). Gêneros e tipos de textos: considerações psicológicas e ontogenéticas. (Les Interactions Lecture-Écriture (actes du Colloque Théodile-Crel). *Y Reuter*, pp.155-173.
- SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim (1994). The school genres – From language practices to teaching objects. (Os gêneros escolares – Das práticas de linguagem aos objetos de ensino). *Repères*, 15: 1-15.
- SILVA, de Plácido e (1975). *Vocabulário jurídico*. São Paulo, Forense, pp.297-304.
- SILVA, Vera L. Paredes P. (1988). *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado UFRJ.
- _____ (1997). Variações tipológicas no gênero textual carta. In: I. Koch e K. Barros, orgs. *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal, UFRN, pp.118-124.

Quadro 2 – A diversidade do gênero carta

Enviadas por	Evento	Função sócio-comunicativa	Destinadas à	classificação
Clinicas médicas	Divulgação da aquisição de novos aparelhos	comunicar	colegas médicos	?
Bancos	Vencimento do contrato / conta	Informar sobre o vencimento do contrato/conta e sobre como deve proceder para a renovação	Clientes	?
	Empréstimo	Informar sobre o empréstimo e suas condições de pagamento	Clientes	?
	Divulgação de produtos	Apresentar o conteúdo da revista do cartão de crédito de determinado Banco	Clientes	Carta ao leitor
Lojas comerciais	Divulgação do produto	Convencer o leitor a comprar e a solicitação do produto	Leitores e clientes	Carta resposta
	Matrícula	Desejar boas vindas ao novo cliente	Clientes	Carta de boas vindas
	Feira de produtos	Comunicar o evento	Clientes	Carta convite
	Cobrança de assinatura	Avisar sobre o parcelamento de cobrança não processada	Clientes	Carta cobrança
	Mudança de telefone	Comunicar a mudança de telefone e lançamento de produtos	Clientes	?
	Férias coletivas	Informar sobre o período de férias coletivas da empresa e o retorno das atividades	Clientes	?
	Parceria empreendedora	Comunicar sobre a parceria e constatar a qualidade do produto	Clientes e leitores	?
Revistas, editoras	Divulgação de reportagem	Informar	Clientes	Carta ao leitor
	Apresentação da revista	Manter contato	Clientes	Carta do editor
	Cadastro	Pedir informações	Clientes	Carta resposta
	Venda de produtos	Informar como fazer o pedido e pedir sugestões	Clientes	Carta-pedido e carta resposta
	Renovação de assinatura	Agradecer/confirmar	Clientes	? / circular
	Remessa de produtos	Informar	Clientes	Carta de confirmação
Clientes, leitores	Concurso	Pedir informações	Instituições	?
	Leitura de uma reportagem	Reclamar	Instituições	Carta aberta
	Leitura de uma reportagem	Comentar sobre alguma reportagem	Instituições	Carta do leitor
Instituições religiosas	Reunião	Comunicar	Associados	Carta convite
	Filiação de um novo associado	Agradecer	Associados	Carta de agradecimento
	Encontro	Convidar e informar	Associados	Carta convite
	Congresso	Pedir oração	Participantes do Congresso	?
	Cursilho	Parabenizar	Participantes do cursilho	?
Instituições judiciárias	Intimação	Intimar	Profissionais do direito e Pessoas físicas	Carta de intimação
	Reunião	Comunicar		?
Instituições educacionais	Eleição	Informar sobre as propostas de candidatura	Eleitores	Carta programa
	Congresso	Informar sobre data, formatação e inscrições de trabalhos a serem apresentados	Alunos e professores	Carta circular
	Encontro Acadêmico	Agradecer pelo trabalho premiado	Participante do encontro	Carta ofício circular
	Abertura de conta bancária	Solicitar a autorização de uma conta bancária	Gerente do banco	?
Instituições político-partidárias	Destituição	Informar	Eleitores	Carta aberta
	Prestação de contas	Informar	Eleitores	Carta prestação de contas

